

# A EXPRESSÃO DA QUEBRA DE EXPECTATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Luiza Francisca Ferreira da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca discutir o fenômeno da marcação da quebra de expectativa na língua portuguesa, sobretudo no português brasileiro (PB). Esse fenômeno, chamado na tradição gramatical de adversatividade, refere-se às estruturas capazes de exprimir contraste, ressalva ou oposição, e recebe este nome devido à capacidade que tais estruturas têm de cancelar pressuposições anteriormente dadas. A fim de enriquecermos a discussão a respeito da quebra de expectativa, recorreremos sobretudo aos estudos de Neves (1984; 2000), Castilho (2010), Martelotta (1998) e Pezatti e Longhin-Thomazi (2008). Além desses autores, valemo-nos de amostras do *corpus* C-Oral Brasil (Raso; Mello, 2012), de fala informal representativa do dialeto mineiro, mais especificamente de Belo Horizonte e Região Metropolitana, a fim de exemplificarmos o fenômeno descrito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quebra de expectativa; Adversatividade; Português Brasileiro.

## The expression of the breach of expectation in brazilian portuguese

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the phenomenon of the marking of the breach of expectation in the Portuguese language, especially in Brazilian Portuguese (BP). This phenomenon, called adversativity in the grammatical tradition, refers to structures capable of expressing contrast, reservation or opposition, and receives this name due to the capacity that such structures have to cancel previously given assumptions. In order to enrich the discussion regarding the breach of expectations, we mainly resorted to studies by Neves (1984; 2000), Castilho (2010), Martelotta (1998) and Pezatti and Longhin-Thomazi (2008). In addition to these authors, we used samples from the C-Oral Brasil *corpus* (Raso; Mello, 2012), of informal speech representative of the Minas Gerais dialect, more specifically from Belo Horizonte and the Metropolitan Region, in order to exemplify the phenomenon described.

**KEYWORDS:** Break in expectations; Adversativeness; Brazilian Portuguese.

## Introdução

Neste trabalho, nos propomos a analisar o fenômeno da quebra de expectativa, a manifestação linguística que ocorre quando uma nova informação rompe com o esperado em relação a algo anteriormente dito. Logo, na quebra de expectativa, a segunda informação, nova, rompe com o paradigma que é esperado na informação velha, dada primeiramente, gerando uma ideia de contraste,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG. Email: luizafrancisca@gmail.com.

ressalva, oposição. Para a tradição gramatical, esse fenômeno recebe o nome de adversatividade. Vejamos um exemplo:

(1) O vizinho fechou a casa, *mas* os ladrões roubaram a TV<sup>2</sup>.

Em (1), a primeira informação está no fato de o vizinho ter fechado a casa. Essa mesma informação pode gerar uma expectativa socialmente partilhada de que uma casa fechada estaria segura. Entretanto, essa expectativa de segurança é quebrada com a segunda informação, sobre o fato de os ladrões terem levado a TV. Isto é, o roubo da TV quebra a expectativa anteriormente posta de uma casa fechada estar protegida. Como dito, essa quebra de expectativa é chamada na tradição gramatical de adversatividade, e a oração responsável pela quebra é chamada oração coordenada adversativa, sendo *mas* a conjunção adversativa. Logo, *mas*, chamado por Perini de coordenador, tem o papel de “negar uma expectativa”<sup>3</sup>.

Neves afirma que, nas construções adversativas, os coordenadores evidenciam “exterioridade”<sup>4</sup> entre dois segmentos. Portanto, os falantes vão valer-se de seus conhecimentos de mundo, das experiências compartilhadas e socialmente normatizadas. Em (1), por exemplo, para alcançar a quebra de expectativa, o locutor precisa lançar mão de conceitos e valores coletivos, como o fato de uma casa fechada inspirar certa segurança e com o fato de uma TV ser um objeto de valor, cobiçado socialmente e, portanto, passível de roubo. Assim, organiza contextualmente as ideias de modo que a segunda informação, a do roubo, rompa a expectativa inicialmente criada sobre a casa fechada estar segura. Neves<sup>5</sup> afirma que a primeira informação é mantida, em graus variáveis, para depois ser negada, recusada, contrariada, também em graus variáveis. E a essa negação é dado o nome de quebra de expectativa.

A quebra de expectativa é um fenômeno bastante produtivo nas línguas em geral. Trata-se de uma manifestação linguística em que o que é dito de um lado é imediatamente quebrado, cancelado, rompido em outro. Isso se dá, dentre outros

<sup>2</sup> PERINI, Mário Alberto. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 446.

<sup>4</sup> NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

fatores, pelo fato de os falantes compartilharem aspectos comuns na sociedade, o que se reflete na linguagem que usam. Esse pressuposto coaduna-se, por exemplo, com a noção de uma linguística social, que encontrou um terreno fértil nos estudos labovianos. Segundo essa área, o comportamento linguístico é determinado pela identidade social dos indivíduos. Isso sugere que, quanto mais semelhantes sejam as características sociais de dois ou mais sujeitos, mais próximo será o uso que fazem da linguagem que os permeia<sup>6</sup>.

Endossando essa visão, Martelotta afirma que, na comunicação, os falantes lidam com os conhecimentos de mundo, que são compartilhados e de onde emergem normas e expectativas. Nesse contexto, alguns fatores, como “idade, sexo, grupo social, nível de instrução, ou mesmo nível de conhecimento do assunto que está em pauta”<sup>7</sup> são cruciais e determinantes. Assim, quando uma das partes crê que a outra não compactua com o que é socialmente esperado, recorre às estruturas de quebra de expectativa.

A fim de ilustrarmos nosso raciocínio, consideremos o seguinte exemplo, retirado do *corpus* C-Oral Brasil<sup>8</sup>, que representa o falar espontâneo da cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana:

(2) GIL: <é> concreto armado / né // aí vai //  
 VER: é // *mas aquilo <ali> foi muito <malfeito>* //

Quando, no primeiro momento, menciona-se o concreto armado, uma possível informação socialmente compartilhada é que se trata de uma estrutura forte e resistente. Entretanto, no segundo momento, quando se menciona que esse mesmo concreto armado foi malfeito, quebra-se a expectativa inicial de ser um material robusto, pois algo malfeito, socialmente falando, pode indicar fragilidade e pouca resistência. É nesse rompimento daquilo que é socialmente compartilhado e

<sup>6</sup> CASTRO, Matilde Ángeles Vida; MUÑOZ, Antonio Manuel Ávila; ESQUIVEL, Francisco M. Carriscondo. *Manual práctico de sociolingüística*. Madrid: Síntesis, 2016.

<sup>7</sup> MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 1998.

<sup>8</sup> RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-Oral-Brasil I* Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

aceito como esperado, normal, que reside a quebra de expectativa, chamada na tradição gramatical de adversatividade.

Neste artigo, buscamos discutir esse interessante fenômeno linguístico, embasando-nos, sobretudo, nos estudos de Neves<sup>9</sup>, Castilho<sup>10</sup>, Martelotta<sup>11</sup> e Pezatti e Longhin-Thomazi<sup>12</sup>. Para tanto, o texto encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 1 *O fenômeno da quebra de expectativa*, expomos o fenômeno – sem a pretensão de esgotá-lo – e o observamos sob critérios conceituais (1.1 Aspectos conceituais, 1.2 Aspectos sintáticos, e 1.3 Aspectos semântico-pragmáticos), além de outras formas para a expressão da quebra de expectativa (1.4 Possibilidades de expressão da quebra de expectativa). Por fim, na seção 2 *Considerações finais*, apresentamos algumas conclusões a respeito da adversatividade ou quebra de expectativa.

### **O fenômeno da quebra de expectativa**

Para Heine, Claudi e Hünemeyer<sup>13</sup>, a noção de expectativa presente nas línguas está no fato de os falantes diferenciarem as normas socialmente compartilhadas e aceitas, contrapondo-as àquilo que se desvia do socialmente aceito. Nesse sentido, o falante precisa marcar aquilo que crê que se oponha ao que o ouvinte espera como socialmente compartilhado e admitido. Nesse sentido, a diferença está entre o que é dito, de um lado, e o que é considerado normal, de outro; entre o que é afirmado e o que é assumido como norma. Vejamos um exemplo, de própria autoria:

(3) Eu fui à festa, *mas não me diverti*.

<sup>9</sup> NEVES, Maria Helena Moura. O coordenador interfrasal mas — invariância e variantes. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.

<sup>10</sup> CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>11</sup> MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 1998.

<sup>12</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

<sup>13</sup> HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

Em (3), quando se menciona a festa, a expectativa criada e socialmente compartilhada é que, em geral, festas são ambientes de diversão e descontração, portanto, quem as frequenta normalmente se diverte. Entretanto, quando se afirma, por outro lado, não ter se divertido nesse ambiente, quebra-se o esperado, a expectativa levantada com a associação entre festa e diversão é rechaçada.

Para Neves<sup>14</sup>, a quebra de expectativa expressa uma noção de desigualdade, estabelecendo uma desproporção de ideias entre dois enunciados. Nesse caso, haveria uma relação entre dois elementos desiguais, sendo cada um deles não só externo ao outro – como se dá em todas as orações coordenadas – mas também divergentes entre si. Assim, na quebra de expectativa ou adversatividade, reconhece-se uma entidade para posterior rechaçamento dela.

Na tradição gramatical, as estruturas de quebra de expectativa são chamadas de adversativas e apresentam noções de “oposição, contraste, ressalva, compensação”<sup>15</sup>.

A fim de ampliarmos o anteriormente dito, na seção a seguir, discutimos mais detalhadamente as definições do fenômeno em questão.

### Aspectos conceituais

Castilho conceitua as adversativas como contrajuntivas. Para ele, são estruturas em que o que é dito no segundo termo contraria as expectativas criadas no primeiro. É como se a conjunção de contrajunção bloqueasse uma possível união entre os dois elementos encadeados, conforme exemplo em (4).

(4) Pensei que ia dar certo, *mas me enganei*<sup>16</sup>.

Em (4), a ideia de *dar certo* é bloqueada pela ideia de *enganar-se*, havendo, portanto, a contrajunção, a impossibilidade de a expectativa criada efetivar-se.

---

<sup>14</sup> NEVES, Maria Helena Moura. O coordenador interfrasal mas — invariância e variantes. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.

<sup>15</sup> CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

<sup>16</sup> CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

Martelotta<sup>17</sup>, por sua vez, ao desenvolver seu estudo sobre as orações utilizadas por falantes quando querem expressar noções opostas entre si, chama esse fenômeno opositivo de orações contrastivas. Para esse autor, haveria, nas orações contrastivas, um pressuposto que o falante faz a respeito do posicionamento do ouvinte. Ele acrescenta ainda que nem sempre as expectativas entre falante e ouvinte são iguais, dada a diversidade de idade, gênero dos interlocutores, grau de instrução, nível de conhecimento sobre o assunto em questão, conhecimento de mundo e ideologias.

Em (5), podemos visualizar esse jogo contrastivo:

(5) \*TIT: <bebe> //  
\*TIT: *mas trabalhador*<sup>18</sup>.

Na orações citadas, a ideia de beber se opõe à ideia de trabalhar. Assim, quando o falante expõe primeiramente a informação de a pessoa a quem se refere ser ébria, cria a expectativa socialmente partilhada de, por beber em excesso, essa pessoa tende a deixar de cumprir adequadamente suas tarefas profissionais. Entretanto, ao afirmar que é trabalhador, quebra essa expectativa inicial, colocando-a como uma pessoa laboriosa e produtiva, apesar de seu vício. Isso ilustra a capacidade que os falantes têm de jogar com o conhecimento de mundo, partilhado ou não, para construir sentenças contrastivas.

Flamenco García<sup>19</sup> considera a adversatividade uma relação de coordenação em que dois elementos estão ligados por uma conjunção específica, que indica a existência de contraste entre tais elementos. Ele separa essa relação de contraste em dois campos, de acordo com o grau total ou parcial, expresso pela oposição. Assim, considera dois tipos de adversatividade: a restritiva e a exclusiva. Na restritiva, o segundo elemento limita ou restringe o alcance semântico do primeiro elemento, como em:

<sup>17</sup> MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 1998.

<sup>18</sup> RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-Oral-Brasil I* Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

<sup>19</sup> FLAMENCO GARCÍA, Luis. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 1999. V. 3. P. 3855-3878.

(6) Pepe é feiíssimo, *mas simpático*<sup>20</sup>.

Nesse caso, a simpatia não anula por completo a falta de beleza de Pepe, mas sim a suaviza, a atenua, por isso apenas a restringe. Já na adversatividade exclusiva, os dois enunciados são vistos como totalmente incompatíveis, de modo que o segundo não apenas reduz o primeiro, mas também o rechaça por completo. Para ilustrar, Flamenco García dá o seguinte exemplo:

(7) A baleia não é um peixe, *mas sim um mamífero*<sup>21</sup>.

Em (7), não é o caso de o mamífero, segundo elemento, reduzir o campo semântico dos peixes, primeiro elemento, mas se trata de domínios absolutamente diferentes em termos classificatórios. Não há um rebaixamento ou limitação de algum dos termos, há uma completa exclusão entre ambos.

Moura<sup>22</sup> posiciona a adversatividade no Português Europeu (PE) como as estruturas capazes de exprimir:

- a) oposição: Tenho relógio, *mas está avariado*;
- b) retificação: Não pagou, *mas tinha dinheiro*;
- c) concessão: Ele é meu amigo, *mas seja sportinguista*<sup>23</sup>;
- d) neutralização de uma inferência: São gente pobre, *mas vivem com honestidade*;
- e) viragem no rumo dos acontecimentos: Já sofreu muito, *mas agora vive mais aliviado*.

Por fim, ainda sobre o PE, Matos<sup>24</sup>, por sua vez, aponta as adversativas – também chamadas de contrajuntivas – como aquelas que “exprimem prototipicamente um contraste entre os membros coordenados”.

Após essa breve conceituação da quebra de expectativa, observemos, a seguir, alguns fatores sintáticos ligados ao fenômeno.

<sup>20</sup> “Pepe es feísimo, pero simpático” (Ibidem, p. 3855).

<sup>21</sup> “La ballena no es um pez, sino um mamífero” (Ibidem, p. 3855).

<sup>22</sup> MOURA, José de Almeida. *Gramática do português actual*. Lisboa: Lisboa Editora, 2004.

<sup>23</sup> Torcedor do time de futebol português Sporting.

<sup>24</sup> MATOS, Gabriela. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003. P. 549-592.

## Aspectos sintáticos

Um aspecto sintático característico da adversatividade, apontado por Martelotta<sup>25</sup>, dentre outros autores, é o fato de as sentenças que se encaixam nesse quadro apresentarem rigidez posicional, enquanto outras estruturas que também indicam aspecto opositivo, como as concessivas, terem posição flexível. Para melhor ilustrar essa questão, Martelotta<sup>26</sup> dá os seguintes exemplos:

- (8) A família, *apesar de ter ficado chocada*, não processou o médico.
- (9) *Apesar de ter ficado chocada*, a família não processou o médico.
- (10) A família não processou o médico, *apesar de ter ficado chocada*.
- (11) A família nem processou o médico, *mas era caso de processo*.
- (12) \**Mas era caso de processo*, a família nem processou o médico.

Em todos os exemplos, há sentenças que expressam ideias contrastivas entre si, pois a família ter ficado chocada poderia ser motivo para processar o médico em questão, o que não ocorre. Há, portanto, o rompimento de uma expectativa. O que se nota, entretanto, é que as orações adverbiais concessivas (exemplos 8, 9 e 10) podem assumir várias posições dentro do período, o que não ocorre com as coordenadas adversativas (exemplos 11 e 12). Assim, Martelotta<sup>27</sup> conclui que essa impossibilidade de mobilidade é uma marca diferenciadora entre coordenação e hipotaxe adverbial.

Matos<sup>28</sup> também aponta a pouca mobilidade desfrutada por estruturas coordenadas adversativas: “as frases coordenadas frásicas não podem ser facilmente deslocadas”, exemplificando com (13) e (14):

- (13) Eles partiram para o Algarve *mas não foram de férias*.
- (14) \**Mas não foram de férias*, eles partiram para o Algarve.

Ela acrescenta ainda que essa dificuldade de movimentação se verifica não só em orações, mas também em estruturas não frásicas contrajuntivas, como em:

---

<sup>25</sup> MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 1998.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> MATOS, Gabriela. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003. P. 549-592.

(15) Poucos professores, *mas muitos alunos* compareceram à reunião geral.

(16) \**Mas muitos alunos*, poucos professores compareceram à reunião geral.

Analisando sintaticamente os itens adversativos, Castilho considera que os operadores argumentativos de contrajunção têm seu escopo à esquerda, “ligando constituintes da direita para a esquerda, contrapondo o segundo elemento ao primeiro”, como em:

(17) Ela está lá, *mas não funciona*.<sup>29</sup>

Perini considera *porém*, *entretanto* e *contudo* itens adverbiais, por se deslocarem livremente na sentença, contrapondo-os ao coordenador *mas*, que não tem mobilidade.

(18)

- a) Titia adormeceu; *porém* vovó continuou a cantar.
- b) Titia adormeceu; vovó, *porém*, continuou a cantar.
- c) Titia adormeceu; vovó continuou, *porém*, a cantar.
- d) Titia adormeceu; vovó continuou a cantar, *porém*.

Para esse autor, *mas* não pode coordenar qualquer elemento coordenável. Ele só se liga a adjetivos ou verbos, *mas* não a SNs. Além disso, só pode coordenar duas orações, e não mais que duas.

(19) Carolina chegou, desembarcou, *mas* não fez declarações<sup>30</sup>.

Em (19), *mas* não é capaz de coordenar as três orações, e sim duas, as mais próximas entre si, quais sejam: *desembarcou* e *não fez declarações*. A interpretação de (19) inclusive confirma isso, posto que não há quebra de expectativa entre *chegar* e *desembarcar*.

<sup>29</sup> CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>30</sup> PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

Neves<sup>31</sup> e Pezatti e Longhin-Thomazi<sup>32</sup> também mencionam a impossibilidade de recursividade de *mas*, considerando-o restrito a dois segmentos, resultando sempre em uma construção binária.

Após essas considerações do campo sintático, analisemos, neste momento, alguns aspectos semântico-pragmáticos da quebra de expectativa.

### **Aspectos semântico-pragmáticos**

A quebra de expectativa é vista por Neves dentro de uma noção de desigualdade. Para a autora, os marcadores adversativos estabelecem uma desproporção de ideias entre dois enunciados. Usando-os, o enunciador reconhece a desigualdade e a considera para distribuir as unidades de informação e estruturar sua argumentação, como em (20).

(20) Vocês servem mal, *mas a comida é ótima*<sup>33</sup>.

Nesse exemplo, há duas ideias desiguais, pois a noção de servir mal sugere queda de qualidade. Entretanto, essa expectativa inicial de perda de qualidade é quebrada pela conjunção *mas* e a oração encabeçada por ela, quando se afirma que a comida é ótima. Conforme explica Neves, essas orações foram estruturadas de modo opositivo e assim distribuídas em dois enunciados ligados pela conjunção adversativa *mas*. Para Neves, as construções adversativas evidenciam exterioridade entre os itens justapostos, em que o segundo elemento é colocado como destoante do primeiro, “especificando-se essa desigualdade conforme as condições contextuais”<sup>34</sup>. Assim, nota-se que o contexto, a pragmática, é fundamental para a existência e a compreensão da quebra de expectativa.

<sup>31</sup> NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

<sup>32</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

<sup>33</sup> NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 756.

Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>35</sup> afirmam que as duas unidades ligadas pela adversatividade são opostas no campo das ideias, mas interdependentes no campo pragmático. Isso permite ao falante criar oposições mais ou menos subjetivas, como vemos em:

(21) \*MAH: ela está aqui pra se defender / *mas ela <não consegue>*.<sup>36</sup>

Nesse caso, a oposição encontra-se na necessidade de se defender-se e na incapacidade de conseguir fazê-lo. Validando o que dizem Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>37</sup>, por mais que haja uma oposição particular, subjetiva ao falante, as ideias antepostas se complementam no campo pragmático, sendo interdependentes. Nesse sentido, a conjunção adversativa tem o papel de juntar as ideias que se contrapõem, inclusive porque a contraposição só é observada com as duas sentenças juntas. São necessárias as duas informações para que haja a informação final. Por isso se pode dizer que elas contrastam, mas também se complementam, se somam.

Para as autoras, nas construções adversativas prototípicas, cada um dos elementos que as compõem constitui-se um ato de enunciação, sendo o tema o ponto de partida; e o rema o detentor de maior carga informativa<sup>38</sup>.

(22) A aula é gravada, *mas as perguntas podem ser feitas*<sup>39</sup>.

Em (22), o rema, as perguntas poderem ser feitas, traz a informação contextualmente nova. Desse modo, o segundo elemento, ao trazer a quebra de expectativa, adquire saliência, tornando-se o foco. Além disso, o segundo elemento

<sup>35</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

<sup>36</sup> RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-Oral-Brasil I* Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

<sup>37</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

<sup>38</sup> Tema: numa frase assertiva, chama-se tema o constituinte imediato (sintagma nominal) a respeito do qual se diz alguma coisa (Dubois, 1995 [1973], p. 581). Rema: parte do enunciado que acrescenta algo novo ao tema (Dubois, 1995 [1973], p. 118).

<sup>39</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

precisa retomar de alguma forma do anteriormente dito. Ao enunciar a primeira parte da quebra de expectativa, levantam-se várias informações possíveis, que serão suporte para o rompimento do esperado. Nesse sentido, o efeito resultante da junção e da assimilação dos dois termos será percebido como “negação, desigualdade, contrariedade, rejeição, não realização de uma relação de causa e efeito ou curso inesperado de eventos”<sup>40</sup>.

Perini<sup>41</sup> considera que a coordenação aproxima-se mais do discurso que da sintaxe, chamando inclusive os operadores dessa relação não de conjunções, mas de coordenadores. Para esse autor,

em muitos casos, a coordenação se aproxima dos fenômenos discursivos, muito menos dependentes da estrutura interna das formas linguísticas e baseados, em vez disso, de preferência em fatores semânticos e cognitivos em geral. [...] Quando duas ou mais estruturas são unidas por coordenação, nenhuma delas exerce função sintática dentro de nenhuma outra<sup>42</sup>.

Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>43</sup>, por sua vez, classificam as construções adversativas semântico-pragmaticamente em três subtipos: a) adversativas de conteúdo; b) adversativas epistêmicas e c) adversativas de atos de fala.

Nas adversativas de conteúdo, há uma oposição explícita. E essa oposição se evidencia pela presença, nos dois segmentos coordenados, de termos semanticamente antagônicos, como em:

(23) CEL: eu adivinho mímica muito fácil // *mas cê nunca vai adivinhar nenhuma minha*<sup>44</sup>.

Em (23), o contraste entre *eu* e *você* é colocado em dois polos opostos: respectivamente o que tem facilidade em decifrar mímicas e o que tem dificuldade para tanto.

---

<sup>40</sup> Ibidem, p. 919.

<sup>41</sup> PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

<sup>44</sup> RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-Oral-Brasil I* Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Já nas adversativas epistêmicas, a adversatividade ocorre por meio do cancelamento das expectativas que os falantes creem representar o que é adequado no mundo ou o padrão socialmente aceito. É o que vemos, por exemplo, em (24):

(24) CEL: bom / <nũ era pa parar ali> / *mas tudo bem*<sup>45</sup>.

Quando se diz que não era para parar em determinado lugar, espera-se que seja uma proibição, algo taxativo. Entretanto, o segundo termo, ao explicitar *tudo bem*, cancela essa expectativa de proibição, revertendo-a.

Por fim, nas adversativas de atos de fala, há um contraste de natureza discursivo-pragmática, em que um dos segmentos atenua o outro, como se marcasse uma polidez no discurso. É o que mostra (25):

(25) CAR: ô / Marcelo // cê vai me perdoar / bobo // *mas eu nũ tô dando <bola pr' ocê não>*<sup>46</sup>.

Em (25), no primeiro segmento, o falante antecipa uma possível frustração do ouvinte, desculpando-se inicialmente, para só no segundo momento verbalizar o conteúdo informacional. Esse contexto anterior em que se antecipa à frustração do outro é chamado “preparação defensiva” por Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>47</sup>. Nesse caso, é como se houvesse uma contra-argumentação, em que o falante busca inibir uma resposta negativa de seu ouvinte.

Após essa breve exposição sintática do fenômeno, tratamos, a seguir, de algumas diferentes formas para a expressão da quebra de expectativa.

### **Possibilidades de expressão da quebra de expectativa**

Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>48</sup> afirmam que a conjunção *mas* é a adversativa prototípica do PB<sup>49</sup>. Essa prototipicidade também é vista em Bagno<sup>50</sup>, quando

---

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

afirma que “a única conjunção coordenativa adversativa é *mas*”, sendo os demais itens tradicionalmente elencados como tais - *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto* - considerados por ele advérbios, sem maiores justificativas.

Matos<sup>51</sup> considera a conjunção *senão* como adversativa e considera *porém, contudo* e *todavia* conectores não-conjuncionais. Moura<sup>52</sup>, por sua vez, aborda, além de *mas, porém, todavia, contudo, ainda assim, não obstante, no entanto, entretanto, senão que* e *ao passo que*.

Para Castilho<sup>53</sup>, as conjunções adversativas mencionadas nas gramáticas descritivas, como “porém, contudo, todavia e entretanto” estariam mais restritas à escrita, sendo rara a sua ocorrência na fala. Segundo esse autor, essas conjunções derivam de processos de gramaticalização ou de sintagmas preposicionados.

Para Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>54</sup>, há, no português, um conjunto de conectivos geralmente acionados em relações de adversatividade, mas que apresentam classificação complexa, tangenciando as classes adverbiais e as conjuncionais, como *contudo, todavia, no entanto, entretanto* e *porém*. Para essas autoras, a complexidade em encaixar tais palavras e locuções em classes definidas está no processo de derivação sofrido por esses vocábulos. Sendo os advérbios fontes para a maioria das conjunções existentes hoje, é natural que esses conectivos mantenham resquícios tanto dos advérbios que os originaram quanto das conjunções. Por isso, é possível, por exemplo, palavras, como *no entanto*, serem capazes de coordenar termos, sentenças e parágrafos, como fazem as conjunções, e ainda manterem a mobilidade posicional, típica dos advérbios.

Ducrot e Vogt<sup>55</sup>, também ao explorar o processo de derivação sofrido por *mas*, justificam o caráter opositivo dessa conjunção pelo fato de ela ser derivada de *magis*, advérbio latino usado na formação do grau comparativo. Tais autores explicam que, sobretudo na comparação por superioridade, eleva-se uma ideia

<sup>51</sup> MATOS, Gabriela. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 549-592.

<sup>52</sup> MOURA, José de Almeida. *Gramática do português actual*. Lisboa: Lisboa Editora, 2004.

<sup>53</sup> CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>54</sup> PEZZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

<sup>55</sup> DUCROT, Oswald; VOGT, Carlos Alberto. De *magis* à *mais*: une hypothèse sémantique. *Revue de linguistique romane*, Strasbourg, v. 43, n. 169-170, p. 317-341, jan./jun. 1979.

para o conseqüente rebaixamento de outra, o que leva, por sua vez, a uma noção de desigualdade entre ambas, exemplificando com a seguinte comparação em língua latina:

(26) *A magis quam B* (A mais que B - tradução nossa).

Nesse caso, a superiorização de A implica necessariamente a inferiorização de B. E é justamente o advérbio *magis* o responsável por determinar essa ligação comparativa e conseqüentemente opositiva. Assim, por um processo de gramaticalização, o advérbio teria passado a conjunção, diminuindo gradativamente a noção comparativa para assumir a opositiva, no seguinte processo descrito por Neves<sup>56</sup>:

desigualdade pouco caracterizada (grau comparativo) →  
 contraste → contrariedade → oposição → negação →  
 anulação → rejeição

Neves particulariza ainda a relação de desigualdade existente entre as sentenças coordenadas com a conjunção *mas*. Para a autora, a conjunção *mas* é capaz de demonstrar que o segundo elemento contraposto no encadeamento da adversatividade é evidentemente diferente do primeiro, e a conjunção é a responsável por expor essas diferenças contextuais. Para ilustrar seu raciocínio, Neves expõe o seguinte exemplo:

(27) Vou bem, *mas* você vai mal<sup>57</sup>.

Nesse caso, bem e mal expressam ideias antagônicas, e a conjunção *mas* ressalta a contraposição entre os dois lados.

<sup>56</sup> NEVES, Maria Helena Moura. O coordenador interfrasal *mas* — invariância e variantes. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.

<sup>57</sup> *Ibidem*.

Além dos vocábulos e expressões de classificação fluida, que transitam entre os advérbios e as conjunções, como *porém* e *contudo*, e os processos de derivação desses vocábulos, conforme descrito brevemente acima, há ainda, conforme Perini, a possibilidade de as relações coordenadas poderem ocorrer sem nenhuma marca explícita, simplesmente por meio da justaposição de sentenças. “Nesses casos, coloca-se sempre algum sinal de pontuação, como a vírgula”<sup>58</sup>. Esse fenômeno é chamado pela tradição gramatical de orações coordenadas assindéticas. Vejamos o seguinte exemplo:

(28) Eu cheguei primeiro, você, por último.

A quebra de expectativa é de fato um fenômeno bastante rico no português, podendo ser explícita, por meio de coordenadores, consoante Perini<sup>59</sup> ou implícita, nas chamadas junções sem marca.

Estabelecamos, pois, a seguir, algumas considerações sobre o fenômeno, após analisá-lo brevemente do ponto de vista conceitual, sintático e semântico-pragmático.

### Considerações finais

Neste artigo, buscamos discutir o fenômeno da quebra de expectativa, também chamado de adversatividade pela tradição gramatical. Vimos que se trata de uma manifestação linguística que implica um rompimento daquilo que é esperado ou visto como socialmente normal e aceitável, e envolve dois elementos de algum modo opostos, que contrastam entre si. Uma constante também observada dentre as diversas abordagens, como a sintática e a semântico-pragmática, é o fato de a conjunção *mas* ser considerada prototípica para a marcação da quebra de expectativa no PB. Nesse sentido, vale lembrar que Pezzatti e Longhin-Thomazi<sup>60</sup> a colocam como a marca proeminente no PB para a adversatividade.

<sup>58</sup> PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>59</sup> PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>60</sup> PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. P. 865-936.

Um aspecto que aproxima os diferentes marcadores de quebra de expectativa é o fato de terem sofrido processos de derivação e gramaticalização ao longo de sua história. Por outro lado, algo que os diferencia é o fato de que vocábulos e locuções, considerados tradicionalmente conectores adversativos, como *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* etc, aproximam-se mais da classe adverbial do que das conjunções, daí o fato de serem chamados de coordenadores por Perini<sup>61</sup>. Sintaticamente falando, os coordenadores gozam de uma mobilidade na sentença não apresentada pela conjunção *mas*, o que reforça a diferença entre coordenadores adversativos e conjunções adversativas.

## Referências

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, Matilde Ángeles Vida; MUÑOZ, Antonio Manuel Ávila; ESQUIVEL, Francisco M. Carriscondo. *Manual práctico de sociolingüística*. Madrid: Síntesis, 2016.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

DUCROT, Oswald; VOGT, Carlos Alberto. De magis à mais: une hypothèse sémantique. *Revue de linguistique romane*, v. 43, p. 317-341, 1979. Disponível em: <https://www.e-periodica.ch/cntmng?pid=rlr-001:1979:43::517>. Acesso em 07 mar. 2023.

FLAMENCO GARCÍA, Luis. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 1999. Vol. 3, p. 3855-3878.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, p. 37-56, 1998. Disponível em: [periodicos.ufjf.br](http://periodicos.ufjf.br). Acesso em 14 dez. 2023.

---

<sup>61</sup> PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

MATOS, Gabriela. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003. P. 549-592.

MOURA, José de Almeida. *Gramática do português actual*. Lisboa: Lisboa Editora, 2004.

NEVES, Maria Helena Moura. *O coordenador interfrasal mas — invariância e variantes*. São Paulo: Alfa, vol. 28, p. 21-42, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3665>. Acesso em 07 mar. 2023.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 865-936.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.). *C-Oral-Brasil I Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Recebido em 16/06/2025

Aprovado em 10/07/2025